

O CÉREBRO, A INTELIGÊNCIA E A CONSCIÊNCIA

Eduardo Weaver

A ciência tem conseguido se aprofundar bastante no estudo do corpo do homem, conhecendo hoje de forma detalhada os mecanismos que regem diversos processos orgânicos no ser humano. Mesmo dispondo de técnicas e aparelhagens sofisticadas, os cientistas ainda não conseguiram desvendar a questão do relacionamento entre o cérebro e a consciência. Alguns pesquisadores polarizados por uma visão mecanicista e materialista do Universo vêm tentando provar que a consciência humana nada mais é do que o produto de reações eletroquímicas bem definidas, que ocorrem em regiões específicas do cérebro. Baseados neste princípio tais cientistas são de opinião que, eventualmente, a personalidade de um indivíduo poderá ser manipulada inibindo ou ativando, através de meios externos, as funções do cérebro físico.

Este artigo tem por objetivo mostrar que o ser humano possui uma mente que transcende o cérebro e que a inteligência, atributo da mente, pertence a uma dimensão de ordem superior.

Na literatura do Ocultismo a mente (Manas) é conceituada como a ponte que une a matéria ao espírito, ou seja, o elo entre o aspecto da forma e da consciência. Através da mente o homem está unido com a totalidade do Universo, uma vez que a mente humana é uma chispa da Mente Cósmica.

No livro "Intelligence Came First", Lester Smith e um grupo de cientistas ingleses fizeram um estudo aprofundado dos mecanismos de percepção, transmissão de informação e a relação entre cérebro e consciência. Os autores procuraram demonstrar, calcados em abundante evidência científica, que o cérebro não é o centro da consciência, mas sim o veículo através do qual esta opera no mundo físico. Os argumentos apresentados em seguida foram desenvolvidos a partir dos dados contidos na obra citada.

Um dos argumentos mais fortes para derrubar a visão mecanicista do homem é a existência da vontade, da intenção. Uma má

quina, como o computador, não tem motivação nem vontade. Suas decisões são baseadas em normas puramente lógicas que lhes são ditadas pelo programa a que sempre obedece, inflexivelmente.

Muitas pessoas já se perguntaram se os computadores pensam. A resposta a esta indagação depende do que se conceitua por pensamento. Se definirmos o pensamento como um processo mecânico resultante de reações eletroquímicas no cérebro, certamente podemos afirmar que os computadores pensam e são portanto equivalentes ao homem. Os mecanicistas sugerem que, com o avanço da Tecnologia na área da micro-eletrônica, teremos em breve "robots" competindo com o homem pela supremacia. De fato, os computadores atuais já são capazes de realizar cálculos melhor do que o homem, não só em velocidade como também em precisão, embora numa faixa bem mais restrita.

O materialista que vê o homem como um "robot" sofisticado despreza os valores espirituais, a ética e a moral. Com um pouco de bom senso pode-se concluir que a diferença fundamental entre o ser humano e o computador é a motivação, a vontade. A mente humana se move sempre em função de algum tipo de motivação, consciente ou inconsciente. Esta motivação pode provir da sua natureza inferior (ambição, busca de poder, egoísmo) ou da sua natureza superior (inspiração, altruísmo, intuição). Além disso, o computador precisa ser programado. Em computadores já foram simuladas emoções, mas estas foram programadas e idealizadas por alguém.

Não há dúvida de que grande parte das reações e atitudes humanas são o resultado de processos puramente mecânicos no cérebro. O ato de dirigir um carro, por exemplo, é usualmente feito automaticamente. Um bom motorista tem armazenado na memória todos os procedimentos necessários para manobrar um carro. Houve, no entanto, uma época em que ele teve necessidade de prestar atenção à seqüência de movimentos do ato de dirigir e se condicionar a fazê-lo de forma correta. Outras atitudes humanas, principalmente as instintivas, têm sua raiz na memória impressa nos genes ao longo de todo um processo evolutivo.

Da mesma forma que um computador, o cérebro precisa ser

programado para que possa ser operado de forma adequada. Von Senden estudou vários casos de pessoas cegas de nascença que recobram a visão através de uma operação já em idade adulta. Em todos os casos foram imensas as dificuldades encontradas na tentativa de interpretar o que viam. A percepção dos raios luminosos causou grande confusão e mesmo desapontamento nestas pessoas, tendo algumas delas se sentido aliviadas quando voltaram ao estado de cegueira. Por termos o nosso cérebro programado para processar e interpretar as sensações visuais que recebemos desde crianças, não temos consciência da complexidade dos mecanismos da percepção visual. O cérebro humano é uma máquina supersofisticada, o produto de um processo evolutivo que vem se desenvolvendo desde o princípio dos tempos. Ele controla com eficiência o funcionamento do corpo humano com todos os seus órgãos e glândulas. Este controle é feito de forma mecânica, de acordo com padrões inflexíveis, a não ser que haja interferência da vontade, que é capaz de reprogramar o cérebro para atender aos seus desígnios.

Com base nas analogias entre cérebro e computador, pode-se afirmar que nem o computador nem o cérebro possuem inteligência. A inteligência e a auto-consciência são um atributo da mente humana. A palavra inteligência vem do termo latino "inter-legere" que significa "ler entre". A inteligência é, pois, um atributo da mente consciente que lê entre as linhas do livro cerebral. Ela dirige a atenção e adapta o processamento dos dados colhidos pelos sentidos em função do motivo ou objetivo que deseja alcançar. De toda a bagagem de informações colhidas ela seleciona o relevante e dispensa o restante. A mecanicidade do cérebro físico não constitui uma limitação para a mente que apenas o utiliza como uma ferramenta, como uma interface entre a consciência e o mundo físico.

O cérebro é orientado pela mente da mesma forma que um computador é programado por um ser humano para realizar operações específicas. Num computador existe usualmente uma série de sub-rotinas ou subprogramas que permanecem armazenados numa memória e podem ser utilizados pelo usuário sempre que conveniente.

O cérebro físico possui também uma memória onde se encontram armazenados programas que são processados em função da solicitação (interna ou externa). Estes programas consistem de um conjunto de instruções que têm por objetivo realizar tarefas que se repetem com frequência. Pode-se imaginar que em alguma localidade do cérebro o motorista tem armazenado todos os procedimentos associados ao ato de dirigir.

Quando se estuda o funcionamento do cérebro pode-se constatar que na realidade o ser humano tem dois cérebros. O primeiro, chamado de cérebro velho, é de natureza animal e cuida da preservação do corpo físico. É o responsável pelos instintos e emoções inferiores (medo, raiva, fome, fadiga, agressão, etc.) assim como pelas respostas condicionadas, funcionando na base de estímulo-resposta. O segundo, o cérebro novo, é o resultado de uma evolução mais recente, sendo o privilégio exclusivo do homem. Consiste dos hemisférios cerebrais do homem que são maiores e bem mais desenvolvidos que nos animais e cuida das atividades intelectuais da mente autoconsciente. Tanto o pensamento concreto e formal como o pensamento abstrato são atribuídos a este cérebro.

Experimentos de estimulação elétrica provaram que algumas das funções do cérebro velho estão associadas a localizações especiais precisas. Constatou-se, por exemplo, a existência bem definida de um centro de agressão tanto nos homens como nos animais. Um gato amigo, quando estimulado no hipotálamus lateral com impulsos elétricos aplicados através de fios implantados no cérebro, ataca com ferocidade um rato na jaula, ignorando o experimentador. Quando estimulado com outros fios também no hipotálamus, porém mais próximo da linha central do cérebro, o gato ignora o rato e ataca o investigador. O experimento inverso também foi realizado. Psicóticos violentos puderam ser acalmados através da estimulação de certas partes do cérebro.

A localização dos centros associados com o controle muscular, coordenação motora, batida do coração, pressão sanguínea e outras atividades vitais já foi determinada com grande precisão. No entanto, não se encontrou ainda nenhum centro associa

do ao raciocínio inteligente e à formulação de idéias. O conhecimento que temos do cérebro humano é quase que totalmente baseado em pesquisas feitas no cérebro velho. Isto porque grande parte dos experimentos cerebrais foram realizados em animais, que não dispõem de um cérebro novo com a complexidade do nosso. Não há dúvida de que, com base nestas pesquisas, pode-se chegar a uma série de conclusões sobre o cérebro velho. O funcionamento do cérebro novo permanece, no entanto, um mistério para a ciência. Há evidências suficientes para supor-se que a memória está registrada em parte no cérebro físico e em parte num outro plano. A memória física do cérebro velho é mecânica e limitada. A memória hiperfísica, associada às atividades do cérebro novo, é ilimitada, pois a mente humana é uma com a mente cósmica, portanto, com a memória universal.

No estado de consciência de vigília só temos acesso a uma porção restrita de nossa memória. Através de treinamento ou em condições especiais, a mente humana é capaz de se sintonizar com a mente cósmica e através dela ter acesso a informações que não podem ser obtidas através da experiência objetiva (consciência de vigília comum).

A visão proposta pelo Ocultismo - visão esta que está de acordo com as últimas descobertas científicas - de que a mente transcende o cérebro físico, abre aos homens uma nova perspectiva de desenvolvimento. Uma das maiores frustrações do ser humano tem sido não conseguir superar as limitações impostas pela matéria física. De fato, o pensamento mecânico, subordinado aos desejos e instintos, será sempre limitado e fragmentário por natureza. No entanto, o homem tem capacidade de transcender ao domínio da forma quando se coloca em ressonância com a sua natureza superior. A chave para o desabrochar de uma nova consciência está no ponto focal de nossa atenção. Se nos voltarmos unicamente para o físico, tentando aí encontrar a realidade última, estaremos fadados a viver uma vida fragmentária e limitada. Ao contrário, se focalizarmos a nossa consciência em ideais nobres e na busca de valores espirituais, estaremos vivenciando a cada instante o eterno e ilimitado presente.